

CARTA AO COLETIVO ANARQUISTA ZUMBI DOS PALMARES

O grupo Além do Mito passa, a cada novo momento do Movimento Estudantil, por provas mais desafiadoras que as anteriores, por situações que demandam decisões mais severas que as que passaram. A crescente complexificação da atuação do grupo é um reflexo deste mesmo processo de complexificação da configuração do Movimento dos Estudantes da UFAL. Recentemente enfrentamos aquela que tenha sido, talvez, a maior das tormentas que abateram o Além do Mito nos últimos tempos.

Em uma das recentes reuniões ordinárias do grupo, realizada no dia 13 de setembro de 2008, recebemos, dos camaradas do Coletivo Anarquista Zumbi dos Palmares, uma carta com longa exposição das razões que motivariam, a partir daquele momento, uma separação entre ambas as organizações. Que colocariam, agora, Além do Mito e CAZP em “estradas paralelas”, utilizando o termo dos próprios companheiros, e que, portanto, não nos permitem compartilhar a mesma trilha, mas nos mantêm em similar perspectiva na luta por uma sociedade efetivamente justa e solidária.

É por acreditar na sinceridade destas palavras que resolvemos devolver o gesto de contribuição que nos foi oferecido pelos camaradas. É, justamente, por entender que o diálogo a ser estabelecido com o CAZP deve permanecer tão horizontal, tão fraternal e franco quanto antes, que nos vemos na necessidade de responder à carta desta organização. Desta forma, acreditamos honrar a sua contribuição de anos que foi legada ao Além do Mito, bem como, demonstrar sempre que, em nosso ver, esta continua entre as mais confiáveis e sérias organizações da esquerda com a qual mantemos contato. Por estas razões, sentimo-nos obrigados a expor, de pronto, nossas avaliações aos camaradas esclarecendo àquilo que podem ser dúvidas e dando respostas àquilo que podem ser críticas.

Parece impossível não começar este diálogo a partir de um breve entendimento do que é o Além do Mito, ainda que seja certo o fato de que isto não precisa ser lembrado ao CAZP. Somos um grupo militante, que põe como princípio maior a luta pela emancipação humana e que, por suas condições objetivas, elegeu, enquanto *lôcus* de atuação, a esfera da educação. Não há dúvidas então. O Além do Mito existe para a luta. Sem a dedicação à militância transformadora a própria idéia de Além do Mito perderia todo o seu sentido.

Ele surge para responder a uma necessidade clara do Movimento Estudantil na UFAL. Ser uma alternativa ao imobilismo, à burocracia e ao beco ao qual os estudantes foram levados (e se deixaram levar) graças às caducas concepções que, até então, eram hegemônicas em nossa universidade. No entanto, jamais se deve pensar o grupo como algo abstrato. Configura, na verdade, uma conjunção de consciências, mãos e pernas, que o constroem cotidianamente. Um coletivo de ativistas que colocam enquanto prioridade de sua atuação a conservação deste caráter, que, em últimas consequências, é o que nos torna concretos para o movimento.

Assim, todas as alternativas trilhadas pelo grupo foram, e continuarão sendo enquanto estas considerações permanecerem válidas, aquelas que nos figuraram como as que melhor adequavam-se a estes requisitos. Para tanto, foi sempre, em cada documento e em cada discussão profunda, enfatizada a importância da formação teórica para a orientação de uma práxis verdadeiramente transformadora.

Foi a partir daí que o AdM se construiu enquanto um pólo de aglutinação e organização daqueles que viam a necessidade da construção de um Movimento Estudantil classista, só assim configurando uma atitude que poderia apontar para a

superação da sociabilidade do Capital. É a partir da percepção da unidade fundamental entre teoria e prática que se conseguiu construir uma referência em torno do grupo. Foi isto que constituiu o seu diferencial em relação a todo o espectro de forças que atuavam frente aos estudantes durante um longo período dos últimos anos. Nossa máxima, mais do que um *slogan*, uma palavra de ordem de fácil memorização na tentativa de massificação do grupo, é uma síntese da concepção que nos preocupamos em cultivar durante a nossa atuação: “Lutar para estudar, estudar para lutar”.

O estudo de textos que discutem uma concepção de mundo foi o fundamental motor desta realidade. Sem isto, jamais estaria posta a necessidade da construção de um movimento deste caráter. Não seria, nem de longe, notada a importância da aliança que deve ser firmada entre os estudantes em luta e a classe trabalhadora, seus anseios, necessidades, interesses e valores. E é, ainda, este debruçar sobre temas que nos armem ideologicamente para enfrentar a reprodução do Capital que nos impulsiona, de forma cada vez mais forte, pois cada vez mais convicta, para a prática de uma postura revolucionária, que pretende dar respostas às dificuldades postas pelo horizonte histórico.

A formação teórica nunca foi, para o Além do Mito, um motivo de afastamento do atendimento às tarefas práticas do movimento. Justamente o contrário, foi esta formação teórica, ainda que, nos últimos tempos, em dificuldades e claramente insuficiente frente a todos os desafios hoje postos, que nos manteve em constante atuação. Ainda assim, e por tudo isso, não se deve esquecer que a própria dedicação à teoria é uma indispensável postura prática. Que a transformação do AdM em um “grupo de estudos de ontologia” não seria uma perda de seu foco. O foco do grupo, como dito, é a luta.

Não raras vezes, a formação teórica profunda e o aparente afastamento da ação direta é posto, pelos próprios caminhos históricos que este incessante combate marcha, como a mais premente necessidade prática sem a qual não se pode entender o contexto em que se atua e, conseqüentemente, oferecer-lhe soluções. Transformar-se em um grupo de estudos e priorizar a produção teórica não está, nem nunca esteve, portanto, fora do horizonte prático do Além do Mito. Alternativa similar foi, inclusive, tomada por seus militantes pioneiros na ocasião da Comuna Estudantil, onde se priorizou a formação em detrimento de uma atuação mais presente no cotidiano do movimento. Os frutos desta postura são conhecidos, já que ela é um dos fatores que desemboca na construção do que viria a ser o próprio Além do Mito.

Todas as posturas do grupo serão condizentes a estas considerações. As últimas, tanto quanto as mais antigas, atendem também a estes pressupostos. Passamos hoje por um período de intenso crescimento dos ataques à Universidade Pública e ao Movimento Estudantil combativo. No início deste ano, decidimos que nossa postura seria a de combate direto contra a mais nefasta face da Reforma Universitária, o REUNI, a luta, de basilar importância, pela Assistência Estudantil e contra a Repressão aos estudantes em luta que tem sido deflagrada pelas reitorias e pelo governo. Em nossa universidade essa realidade não é diferente. Conhecemos camaradas indiciados na Polícia Federal, processados e condenados à multa na Justiça Federal, perseguidos administrativamente na própria Ufal.

O contexto que testemunhamos não nos parece de simples resolução. Não serão os métodos de luta que utilizamos até agora que irão responder a estas demandas. Mesmo porque, elas nos foram colocadas como uma clara resposta a estes mesmos métodos. É necessária uma mobilização maior. Apesar da experiência que construímos de luta por fora das entidades de base, não podemos negar a importância que estas

possuem frente à organização dos embates nos quais temos que atuar. A necessidade de agitar a universidade com um programa que se coloque em claro confronto com a conjuntura atual, como uma tentativa de organizar os estudantes em torno destas bandeiras nos parece ser a principal tarefa posta para a construção da luta pela educação hoje.

As eleições do Diretório Central dos Estudantes configuram-se um meio de resolução de tal tarefa. Sem dúvidas não é o último. Tampouco o único. Mas isso não reduz sua importância frente à atual situação. É inegável que estar, hoje, com a esquerda a frente do DCE seria de máxima importância para o enfrentamento interno à universidade. Seria uma resposta digna aos ataques da Reitoria e ao esvaziamento e afastamento sistemático das lutas a que esta tem conseguido reduzir os sindicatos das categorias profissionais da UFAL: a ADUFAL e o SINTUFAL. O DCE afigura-se como uma clara força mobilizadora, um evidente ponto de organização do movimento, que tem sido, ano após ano, dilapidado por gestões que não se comprometem com a construção de uma cultura democrática e combativa para a entidade. Dar respostas a isso é uma responsabilidade daqueles que prezam pelo combate por uma educação pública de qualidade e por um movimento estudantil autônomo.

Frente a isso, o Além do Mito não vê o Diretório Central como um fim. Não passou a entender ser necessário “participar das eleições do DCE a qualquer custo”. Compreende, apenas, que essa é hoje uma tarefa à qual não pode dar de ombros. A participação do AdM nas eleições deve servir para qualificar este processo e construir a luta estudantil. Não somos um grupo que tem algo a ganhar com o aparelhamento da entidade. Enquanto organização nunca nos foi preciso este ou aquele espaço burocrático para atuar e isto é garantido pela própria forma e concepções em torno das quais nos organizamos. Construímos e construiremos o movimento por fora das entidades engessadas temporariamente ou cristalizadas definitivamente. No entanto, não perderemos de vista que a disputa dos espaços de organização dos estudantes configura um desdobrar complexo que envolve mobilização, diálogo com a base e construção de alternativas. E nossa responsabilidade é fazer este composto resultar num fortalecimento da entidade, das lutas e da consciência dos estudantes.

Este contato com os discentes deve também servir à renovação do grupo. Não é um mero “transportar mecânico” de outros processos eleitorais o fato de crer-se na possibilidade de formação de novos militantes para as fileiras do AdM. Também não é um mero ato de fé que põe este como o único meio de renovação. Porém, para o movimento estudantil, os momentos de deliberação acerca de suas futuras gestões e coordenações é, também, um espaço de intensificação das contradições inerentes ao próprio. É na resposta a essas contradições que se demonstram as diferenças entre as concepções que atuam dentro sua composição.

Preservar o Além do Mito é preservar sua concepção. Mantê-la, no entanto, é colocá-la frente a contradições, experimentá-la e concluir por sua superioridade a outras em determinados momentos, ou corrigir suas debilidades quando estas nos levem a equívocos. A concepção do grupo deve ser mantida e constantemente construída pelos que movem o grupo. E deve ser exposta e testada a todos os estudantes independente da configuração que guarda hoje o Movimento Estudantil na UFAL. As eleições é um espaço para tal, mesmo que o espectro de forças atual ponha nossa concepção enquanto não hegemônica na universidade, posto que esta realidade afigura-se dentro e fora do processo eleitoral. Devemos disputar, portanto, a consciência do movimento, bem como a consciência da própria chapa da qual participamos.

O Além do Mito tomou a decisão, desde o início da discussão acerca do processo eleitoral do DCE, de compor o Coletivo “Amanhã vai ser outro dia”. Tal coletivo dar-se-ia pela composição entre AdM, PSTU e independentes. De fato, o CAZP acompanhou a gênese do “Amanhã vai ser outro dia”, percebendo a relação conflituosa que se dava entre as forças hegemônicas do coletivo e a debilidade sofrida pelo Além do Mito em pautar sua política dentro deste espaço, de uma forma geral, mesmo em formular políticas para ele. A gênese do coletivo aconteceu, no entanto, há quase um ano. A realidade do Movimento Estudantil é das mais dinâmicas e do início das discussões que fundaram o “Amanhã vai ser outro dia” até aqui aconteceram diversos fatos que, em maior ou menor intensidade, contribuíram para a modificação da realidade do coletivo. Citamos, apenas, entre eles: as eleições em diversos centros acadêmicos que renovaram sua área de diálogo, trazendo novos militantes para a perspectiva de movimento que construímos independente do resultado obtido nestes processos; o Encontro Nacional de Estudantes, que pôs em contato as perspectivas do coletivo com a realidade nacional do movimento; o processo de tentativa de unidade ampla que acabou por não se consolidar; etc. Estas considerações devem servir para que se torne perceptível que as críticas dirigidas ao início do “Amanhã vai ser outro dia” devem passar por um exercício de renovação e adequação à atual realidade do mesmo, que não é inteiramente nova, tampouco, integralmente a mesma.

Para iniciar as reflexões acerca destas questões, o “Amanhã vai ser outro dia” não chegou a se configurar enquanto “um novo grupo militante”. Isto não retira a necessidade e legitimidade de que ele apresenta-se como um espaço orgânico, de exploração de proximidades de leituras e embates entre dissensos. No entanto, jamais foi entendido pelo Além do Mito que não haveria mais necessidade de sua atuação enquanto grupo no referido espaço. De que, a partir de agora, respondemos pelo coletivo e não pelo AdM enquanto parte do coletivo. Foi sempre mantida a autonomia do Além do Mito frente ao “Amanhã vai ser outro dia”. Conservamos nossas reuniões internas, nossas avaliações próprias e nossas críticas ao coletivo, ainda quando estas tenham passado por momentos débeis.

Não se confunda, no entanto, que o “Amanhã vai ser outro dia” não possa construir lutas. Sempre construímos lutas em conjunto com o PSTU. A proximidade que se dá pela construção de uma mesma chapa, que resulta em um mesmo programa para o movimento, com claras discordâncias de ênfases em determinados pontos, diminui as dificuldades de construção conjunta entre as organizações. Porém, a organicidade da participação do Além do Mito no coletivo não é outra da que seria entendida como legítima no “Comitê contra a Repressão”, na CONLUTE, na Frente Contra a Reforma Universitária, ou em qualquer outro espaço em que atuamos em conjunto com forças diferentes da nossa. A atuação do grupo no mesmo espaço que outras organizações não elimina as diferenças de concepções que justificam o fato de não se constituírem enquanto mesmo “grupo militante”.

Construímos o “Amanhã vai ser outro dia”, portanto, não por outro motivo que a necessidade de impulsionar o movimento estudantil aos duelos que lhes são necessários. E este coletivo tem atendido ao que o Além do Mito, isolado, não poderia. Sua construção tem sido aberta o suficiente para possibilitar a aproximação de significativa parcela de estudantes ao programa em que entendemos como prioridades para o movimento: a luta contra a repressão, contra o REUNI e pela assistência estudantil. Tem permitido, por exemplo, a agregação de independentes que, com ou sem o nome na chapa, têm mostrado interesse pelas discussões e posturas que são postas *no e pelo* coletivo. Não construiremos a luta ilhados. Acreditamos ter no PSTU um parceiro de embates diretos, o que nos traz a necessidade de construir meios e espaços de relação

com esta organização. Como da mesma forma serão necessários, agora, momentos e ambientes de construção conjunta com o próprio CAZP.

O “Amanhã vai ser outro dia” figura para nós, por tanto, um espaço importante, que não se resume em uma nova organização, mas que atende a necessidades do movimento e do Além do Mito. Este não foi um percalço simples, linear e protegido de maiores ou menores contradições. A maior delas é, conhecidamente, a tentativa da construção de uma frente ampla que envolvesse todos aqueles que intentassem construir a luta contra as políticas do Governo Lula, o REUNI, a Repressão e às posturas da Reitoria. Esta postura nos levaria invariavelmente ao diálogo com o PCR.

A proposta foi colocada pelo PSTU, em suas palavras, como uma necessidade de intensificação do processo de mobilização necessário ao ME da UFAL, que deveria culminar com a eleição da esquerda para a direção do Diretório Central. O Além do Mito discutiu, diversas vezes tanto com o partido, quanto internamente, e em um processo de deliberação conturbado, com idas e vindas, no qual, sem dúvidas, foram expostas debilidades organizativas do grupo, decidiu por experimentar a proposta. Jamais, no entanto, afigurou-se algo que pode ser caracterizado como modificação de análises de conjunturas para “leituras catastróficas da realidade”. Lembrando-se sempre que mudanças de leituras de conjunturas representam uma rotina legítima das organizações da esquerda, a análise de conjuntura do grupo não sofreu qualquer modificação significativa. Se parece catastrófico o fato de que o REUNI passou em todas as Universidades Federais e de que a Repressão recrudesceu sobre o movimento estudantil, não por isso torna-se irreal ou delirante tal leitura, que manteve-se desde o início do último ano.

Assim, a construção de uma unidade para a eleição do DCE baseou-se em uma mudança de reflexão tática, que, apenas sob formas mediadas, responde à leitura de conjuntura realizada, não havendo solução mecânica para esta. Desta forma, não entendemos que os métodos aplicados pelo coletivo configurem simples métodos eleitoreiros, ou que o Além do Mito tenha sucumbido com suas concepções a tal realidade.

Primeiro, o argumento de que o relacionamento do grupo com o PSTU em uma possível gestão configurada pela participação do PCR, seria fortalecido foi de fato utilizado por alguns companheiros durante as discussões acerca da construção da unidade. Diga-se de passagem, foi utilizado pelos militantes do próprio PSTU. Porém, reflexões contrárias foram também levantadas dentro do grupo, assinalando a facilidade que havia para o diálogo entre PSTU e PCR por sua dinâmica partidária principalmente. Tal fato, de que juntos ao PSTU, seríamos maioria em uma possível gestão não foi, nunca, o argumento central da aceitação da unidade. Demonstrou-se, tão somente, enquanto uma possibilidade real de acontecimento, e não como um motivo para a construção da frente. Mesmo porque, estando ou não em uma gestão com o PCR, o Além do Mito manter-se-ia fiel ao programa formulado para a chapa com sua participação e legitimado pelos estudantes através da declaração de que concordavam com o mesmo, independente das necessidades de quaisquer que fossem as perspectivas políticas dentro da gestão, inclusive as suas.

Em segundo lugar, a frente não se construiria apenas para “ganhar votos”. É evidente que, a partir do momento que se propõe um programa conjunto para as eleições visa-se fortalecê-lo, evitando a divisão de votos e abrindo um caminho viável à vitória no pleito. Não por outro motivo fazemos diversas alianças com o PSTU em Centros e Diretórios Acadêmicos da UFAL. Entender este método enquanto eleitoreiro é ver estanque a complexidade do processo eleitoral, que, como já dito, afigura-se como um

momento de diálogo com os estudantes. É um dos picos da discussão organizativa do movimento e vencer as eleições significa, em larga medida, possuir um importante fator mobilizador nas mãos. Achar que a intenção de uma frente eleitoral é “ganhar votos” simplesmente é ignorar que disputamos as eleições do DCE não para nos encastelarmos na entidade, mas para trazê-la de volta às lutas e às mãos dos estudantes. É, por isso, entender, de forma absolutamente equivocada, como diferentes o processo eleitoral e a renovação e reafirmação do Diretório Central como uma entidade para defesa dos estudantes, retirando-lhe do imobilismo e da condição de mera correia de transmissão das forças governistas dentro de nossa universidade. Caso contrário, por que motivo não estaríamos aliados à UJS ou a setores quaisquer que não condissessem com nosso programa?

Um terceiro ponto que nos parece relevante é o de que o CAZP parece ter entendido como contraditória a postura de defesa de uma chapa que reivindicava a CONLUTE e que, posteriormente, passa a perceber a necessidade de uma “frente de esquerda” — utilizando a mesma expressão que os camaradas em sua carta, não concordando, porém, que a frente que seria construída para as eleições do DCE seria uma analogia direta da frente eleitoral entre PSTU, PCB e PSOL para as eleições burguesas, caso tenha sido esta a intenção ao utilizá-la. As posturas configuram-se, apenas, como posturas táticas diversas, não necessariamente contraditórias. Uma chapa que apenas reivindica a CONLUTE deixa claro, desde o princípio que esta não é um fator essencial de seu programa. Isto permite uma amplitude maior de diálogo com forças que não compõem a Coordenação Nacional. Tal postura, aliás, parece-nos fortalecida com o fato de que o DCE-UFAL já é filiado à CONLUTAS, construindo, por meio de deliberação congressual a construção da CONLUTE

Não conseguimos entender que as alianças eleitoreiras construam-se, portanto, apenas por seus métodos, mas, essencialmente, por seus fins. E, ainda que se leve em consideração que os meios em grande medida condicionam os fins, não se pode inverter a ordem de construção dos esquemas que visam responder as necessidades práticas do movimento. Elegemos como objetivo a atração do DCE de volta aos interesses da categoria estudantil. Em nosso ver, estamos expandindo, ao programa de disputa do DCE, uma unidade que, ainda que de forma conflituosa e contraditória, forjariamos nos processos de luta na universidade. Aceitaríamos ou não a construção de lutas lado a lado do PSTU, do PCR, ou mesmo do PSOL, do PCB e do MEPR? A resposta é que, desde que nos fosse garantida nossa autonomia, e que o intento pelo qual são construídas tais lutas fosse de nosso acordo, estaríamos presentes. E esta realidade não seria inédita no Movimento Estudantil da UFAL.

Não vemos onde estão, portanto, os métodos eleitoreiros utilizados na formação disto que poderia ter sido a chapa “Amanhã vai ser outro dia”. A própria ligação para o PSOL que foi mencionada na carta nos parece ser uma leitura equivocada e em grande parte exagerada do que de fato se afigura. Ora, como isto pode ser percebido de alguma forma como análogo ao processo de negociação que há entre PSTU e PSOL na Frente de Luta contra a Reforma Universitária? Acordo de direções?

Um acordo de cúpulas só pode existir ao mesmo tempo em que exista uma base a ser afastada da decisão. Em que isto se assemelha ao exemplo dado? No momento em que se dialoga a construção de uma chapa para a disputa de uma entidade estudantil os assuntos a ela pertinentes não dizem respeito a quaisquer outras pessoas que não estejam entre os membros da possível chapa. A ligação pode ter sido um ato unilateral por parte do PSTU, ou até inútil já que o chamado público à unidade já havia sido realizado. No entanto, está longe de configurar uma atitude burocrática que contradiga tanto os princípios da Além do Mito para que se apresente uma tal surpresa por isto

passar como “desaperecebido” dentro do grupo. O CAZP jamais declarou achar inadmissível as reuniões entre Além do Mito e PSTU (forças políticas) para organizar a formação de chapa e até mesmo para decidir sobre fazer ou não um ato, que teria impactos sobre todo o ME.

O “Amanhã vai ser outro dia” não fez, portanto, durante sua formação, qualquer acordo de direções. Mesmo porque sequer teve esta oportunidade, além de que, essencialmente, não nos submeteríamos a tais práticas, a não ser em momentos de graves equívocos, o que não configura no caso. A chapa, a todo momento, procurou divulgar para os estudantes o horário e data de suas reuniões, na espera de possuir uma construção mais ampla possível. Se, por ventura, possuímos contato apenas com os dirigentes do PCR durante este processo, não é a nós que deve ser dirigida tal crítica, mas a esta organização, que por sua própria cultura de militância impede uma iniciativa mais independente de seus membros e dos estudantes que aproximam-se de suas perspectivas.

A aliança não foi concretizada ao cabo de todo este processo. No entanto, nos é impossível concordar com a leitura exposta pelos camaradas de que o PCR teria saído mais coerente neste debate. Achar que a Correnteza recusou-se a construir a frente por respeito ao histórico dos grupos, ou aos “embates passados” é, erroneamente, caracterizar o fim deste processo.

De fato, o PCR responsabilizou o Além do Mito por não oferecer o que gostariam de chamar de “postura aberta à construção coletiva” de uma chapa para o DCE. Por algum acaso o PCR não possuía embates passados com o PSTU? Durante o próprio processo de impugnação da chapa Correnteza em 2005 o PSTU atuou junto ao Além do Mito, fazendo, inclusive, parte da chapa enquanto organização. No entanto, o PCR não pareceu levar isto em conta ao recusar-se forjar uma aliança com o Além do Mito e aceitá-la com o PSTU.

Acreditamos que, em verdade, a postura do grupo demonstrou ao PCR que o Além do Mito não cederia a qualquer exigência sua que não fosse coerente ao programa que apresentávamos e às condições que colocávamos enquanto essenciais para a formação da chapa. Dentre estas, a principal foi o respeito aos fóruns e métodos do movimento, não desconsiderando, de forma alguma, as legítimas deliberações do último Congresso do DCE, acerca da sua postura frente à União Nacional dos Estudantes. Igualmente, não aceitaríamos atropelos em relação a estes fóruns, como foi proposto pelo PSTU, para assegurar a aliança, como a construção de um novo Congresso da Entidade para o fim do segundo semestre deste ano. Infelizmente o CAZP não mais acompanhou a discussão dentro do coletivo, para ver que a real razão para o PCR ter recusado a aliança foi o fato de que, de forma alguma, “fornaríamos a cama para que eles deitassem”. Não aceitaríamos condições que, manifestamente, demonstrassem-se enquanto inconseqüentes ou nocivas ao conjunto do movimento.

É uma verdade que poucas semanas depois vemos o PCR causar, mais uma vez, uma conturbação de proporções imensas nas eleições do DCE a ponto de ocasionar sua interrupção. Isto deve nos servir enquanto motivo de autocrítica? Em nenhum momento durante o período em que tomaram parte as discussões acerca da construção da aliança eleitoral para o DCE, o Além do Mito construiu qualquer outra caracterização acerca do PCR. Permanecemos, a todo momento, afirmando o caráter oportunista e burocrata das concepções defendidas por esta organização. No entanto, isto não é o central para construção de uma frente para a disputa da entidade. Sem dúvidas que deve ser levado em consideração e ponderado de forma objetiva e reta, porém, não se afigura como uma questão de princípios não forjar alianças com o PCR. Teríamos abandonado as

ocupações de Reitoria no momento em que tal partido passou a participar delas? Conviver com eles nestes espaços não era, também, dividir com seus militantes os momentos mais cruciais de deliberação acerca das bandeiras do movimento que tivemos nos últimos tempos? A divergência fundamental de concepções nos coloca em âmbitos de perspectivas e atuações diferentes daquelas que o PCR cultivava, mas não nos protege da necessidade de convivência que teremos com esta força, por mais conflituosa que esta seja.

Durante todo este processo houve um gradual afastamento dos membros do CAZP das discussões internas do grupo que culminou com o desligamento final das organizações. Tal afastamento é notado, inclusive pelos próprios camaradas, mas de uma forma diversa a nossa. Para o CAZP, tornou-se incompatível com o que seria a nova realidade do grupo, pautar suas propostas nos âmbitos internos do Além do Mito.

Por todas as razões que foram expostas acima, fica claro que o processo eleitoral seria uma das prioridades do grupo. Esta decisão foi tomada de forma a garantir os métodos de deliberação do Além do Mito, ainda que tenha passado por todas as complicações e mudanças de posicionamentos que esses métodos permitem. Não seria uma surpresa que o processo de eleições do DCE tomasse um tempo de longas reflexões do grupo. Pior seria se o processo fosse tomado como algo leviano, e mal discutido nas reuniões internas do AdM. No entanto, em nenhum momento fecharam-se as reuniões apenas em torno deste assunto.

O CAZP afirma que, como alternativa às eleições, sua participação no grupo envolveria uma intensificação na luta contra a Repressão. Este assunto esteve constantemente presente nas reuniões do Além do Mito. Sempre discutiu-se a atuação do “Comitê contra a Repressão”, assim como assuntos referentes aos diversos processos de inquisitórios que têm tido vez em nossa realidade. Além disso, o grupo sempre esteve presente, inclusive, enquanto maioria, nas reuniões do comitê. Estas, porém, frequentemente não conseguiam oferecer qualquer solução para as necessidades que deveriam responder posto que o espaço foi valorizado unicamente pelo Além do Mito e, ainda assim, de uma forma secundária. Ao afirmar que isto acontecia de uma forma secundária é por lembrarmos que, nas condições em que nos encontrávamos, os militantes que estariam dedicados exclusivamente às eleições do DCE eram uma minoria dentro do grupo e que, ainda assim, este não conseguiu reverter a militância de seus outros membros para luta contra a repressão. E ainda que esta fosse revertida, as chances efetivas desta luta ser construída seria mínima, já que as outras forças políticas da universidade centravam, e continuam centrando, suas atuações nas discussões que levavam ao processo eleitoral. O Além do Mito não construiria esta luta isolado. Quanto a este fato parece haver um acordo já que, desde o início, inclusive, optamos por defender que o comitê não se posicionasse contra o REUNI manifestamente, para que possibilitasse a participação de outras forças como o próprio PT e a UJS. A falência desta alternativa não se deu por culpa da forma como o Além do Mito tratou as eleições, mas de uma conjunção entre as debilidades do grupo com a forma como outras organizações trataram o comitê deixando-o de lado ou sequer comparecendo a uma única reunião.

Além desta, o CAZP ofereceu ainda a alternativa da criação de um grupo de estudos sobre Assistência Estudantil, que foi aprovado pelo Além do Mito. No entanto, não foram distribuídas tarefas acerca do grupo, e aqueles que deveriam estar responsáveis por levar-lhe a frente sequer chegaram a elaborar um plano de estudos. Mesmo informações básicas sobre o estabelecimento de contatos com militantes próximos ao grupo residentes da RUA, que participariam do projeto, foram levadas ao grupo. Não foi, em nenhuma oportunidade, negado espaço para esta alternativa dentro

do Além do Mito. Muito pelo contrário, ela foi entendida como de grande valor para o grupo. Porém, o próprio CAZP não deu os passos fundamentais para consolidar sua proposta. Em última análise, não chegou a experimentá-la dentro do grupo.

Neste sentido, mateve-se afastado das discussões do grupo, o que não poderia resultar em sensação diferente da de estar sendo ignorado pelas mesmas. Porém, salvo algumas ocasiões, não se colocou esta questão para a coletividade. E assim, a linguagem que vemos ser utilizada na carta que o CAZP dirige à Além do Mito criticando fatos dos quais tomou parte por ser componente do grupo parece a por demais semelhante à de alguém que construiria esta crítica de fora do mesmo. O CAZP não foi ignorado pelo grupo, apenas colocou uma perspectiva que foi recusada por este: a de não participar das eleições. E, posterior a isso, contribuiu para o erro que desenvolvemos durante todo este processo. Não só o CAZP, mas diversos membros do grupo apontaram para construções setorizadas dentro do Além do Mito. Seja afirmando que participaria das eleições mesmo sem o grupo, seja afirmando que mesmo o grupo participando das eleições não tomaria parte nelas. Em algum momento, perdemos a capacidade de construir coletivamente. E, como visto, isto não se resume apenas aos militantes citados na carta do CAZP.

Estas considerações chegaram a ser colocadas em reunião. No entanto, em nenhum momento se quis confundir estas posturas individuais com o raso individualismo burguês que tanto criticamos. Não acreditamos que qualquer destas posturas tenha sua fonte em uma contradição insuperável entre os interesses e necessidades do indivíduo burguês e os interesses e necessidades da coletividade. De forma alguma. As contradições entre os membros e o coletivo do grupo aconteceram dentro de um âmbito de construção ética do próprio Além do Mito. A cada nova contradição percebia-se que os questionamentos colocados, acertados ou equivocados, apontavam, sempre, em direção do fortalecimento da atenção do grupo aos seus princípios basilares.

No entanto, o grupo decidiu por atuar no contexto que temos hoje, e não apenas discuti-lo. Portanto, os debates teriam de encontrar o seu desfecho. Não poderíamos tratar permanentemente do mesmo assunto, mesmo porque esta postura, por si só, inviabilizaria uma das alternativas. Qual seja: a de participação nas eleições do DCE, que só teria sentido se tomada em tempo hábil para dar-lhe condições objetivas de ser cumprida. Os problemas acerca das contradições internas ao Além do Mito, encontram-se, ainda hoje, distantes de um culminar satisfatório. Mas estas servem como as considerações preliminares de como entendemos estas questões até o momento.

Com o que foi dito, parece-nos ficar evidente que, em nossa avaliação, os motivos de desligamentos do Coletivo Anarquista Zumbi dos Palmares do grupo Além do Mito reservam, na verdade, discrepâncias de entendimentos táticos acerca do processo eleitoral do Diretório Central dos Estudantes. Ao contrário do que os camaradas afirmam em sua carta, não vemos como sucumbentes as concepções e as práticas do grupo frente a esse contexto. Pelo contrário, como exposto, acreditamos que isto representa a construção necessária aos estudantes hoje e que, por isto mesmo, atendemos aos preceitos básicos do Além do Mito: existir para lutar.

Sem dúvidas, o fato de não sermos mais a força hegemônica no movimento, o que reflete no fato de nossa concepção não ser, hoje, a mais forte em suas fileiras, levará o grupo a enfrentar contradições que, vistas de fora, podem parecer maiores do que realmente são. Porém, a participação do Além do Mito no processo eleitoral ainda se pretende enquanto uma forma de preservar as suas posturas e entendimentos de movimento dentro deste processo, bem como internamente ao coletivo “Amanhã vai ser

outro dia”. O fato de não sermos a maior força neste ambiente não retira o espaço e a possibilidade de crescimento das concepções e princípios que continuamos defendendo. Prova disto tem sido o próprio decorrer das eleições do DCE, nas quais o PCR só não foi inscrito de maneira completamente irregular pela atuação do grupo no interior da chapa, vencendo a postura do PSTU, que se demonstrava claramente insustentável por não respeitar os métodos e fóruns próprios do movimento.

Despedimos-nos dos camaradas com o sentimento de que nos tornaremos a ver nas lutas, nos debates e no cotidiano do saudável convívio entre aqueles que buscam a emancipação da humanidade. Lamentamos que a imensa contribuição legada o Além do Mito pelo Coletivo Anarquista Zumbi dos Palmares tenha de assumir esta atual forma. Que fique sempre clara a relação de respeito e camaradagem que mantemos ainda com os companheiros. Sem dúvidas, nossa caminhada será ainda mais árdua nos momentos em que nossos ombros não possam estar lado a lado. Ainda assim continuaremos na peleja sempre.

“Enquanto houver espaço, corpo, tempo e algum modo de dizer não, eu canto!”

- Belchior

Maceió, outubro de 2008

Grupo Além do Mito...